

Subnotificação de casos: a Maré é bairro!

Número de casos de COVID-19 na Maré são inferiores aos de bairros vizinhos, que possuem número populacional bem menor que o das 16 favelas. **PÁGINAS 8, 9 E 10**

Número de acidentes domésticos aumentou entre crianças, adultos e idosos durante o período da pandemia.

PÁGINAS 6 E 7

O que não pode acontecer durante as operações policiais?

PÁGINAS 16 E 17

Com o coronavírus, surgiu uma nova forma de entretenimento: as *lives* nas redes sociais.

PÁGINA 18

Cuidado acima de tudo

Desde o dia 23 de abril, tornou-se obrigatória a utilização de máscaras na cidade do Rio de Janeiro. Com isso, moradores da Maré enxergaram, no equipamento de proteção, uma forma de não se contaminar e, acima de tudo, de se unir para confeccionar máscaras.

PÁGINAS 4 E 5

DOUGLAS LOPES



DOUGLAS LOPES



O reflexo da pandemia no comércio

Mesmo cientes do aumento de casos do novo coronavírus na Maré, ainda há muitas pessoas circulando nas ruas. Entretanto, os comerciantes relataram a diminuição do consumo, apesar das ruas das favelas seguirem movimentadas.

PÁGINAS 14 E 15

EDITORIAL

Seguimos para mais um mês de distanciamento social e tivemos de nos adaptar a uma nova rotina: muitas pessoas em casa por muito mais tempo, utilização de máscaras ao sair de casa, afastados daqueles que gostamos. Tudo parece muito difícil, mas cumprir o distanciamento é necessário.

É preciso ficar alerta aos números: em um intervalo de três dias, o número de casos na Maré mais que dobrou, segundo o Painel Rio COVID-19. No dia 28 abril eram 13 casos e quatro óbitos, enquanto no dia 1º de maio o Painel indicava 28 casos e seis óbitos confirmados pela doença. Mas atenção! É preciso destacar que nem todos os casos são notificados, porque não há testes suficientes no Sistema Único de Saúde (SUS). O número de casos na Maré pode ser muito maior do que imaginamos e é ainda arriscado sair nesse momento. Então, vale reforçar: fique em casa, morador/a! Podemos deixar as festas e comemorações para quando a pandemia acabar. O importante, agora, é evitar sair o máximo que pudermos.

Lembrando que é essencial se usar máscaras de proteção sempre que precisar ir à rua ou em qualquer estabelecimento, dentro e fora da favela, pois, assim, evitamos ter contato com o vírus. Sem esquecer da importância de se lavar bem as mãos sempre que possível.

A Campanha “Maré diz NÃO ao Coronavírus” volta para uma segunda fase no início de maio. A Redes da Maré distribuiu, em um mês de Campanha, 328 toneladas de itens doados, correspondendo a 7.272 cestas básicas, além de 4.600 “quentinhas” a pessoas em situação de rua do entorno da Maré - a Cena de Crack, na Rua Flávia Farnese e na Avenida Brasil, na altura do Parque União. Cerca de 20 mil pessoas foram alcançadas pela Campanha, que pretende continuar até o final de maio.

Diante a permanência da pandemia, a Edição do nosso Jornal segue apenas em versão *on-line*, para não comprometer a vida dos nossos distribuidores. Seguimos produzindo e aguardando o momento em que vocês, leitor e leitora, poderão ter o seu Jornal em mãos novamente. Por enquanto, acessem as nossas redes sociais e acompanhem tudo o que tem sido produzido pela equipe do Jornal Maré de Notícias. Se cuidem!

Siga a **redes da maré** nas Redes Sociais

-  www.facebook.com/redesdamare
-  www.instagram.com/redesdamare
-  www.twitter.com/redesdamare
-  www.redesdamare.org.br

e fique por dentro das novidades!

CHARGE - NANDO MOTTA



HUMOR

Um ladrão entra na casa do músico.
O vizinho pergunta o que o ladrão levou.
O músico responde: Levou uma tremenda surra da minha esposa.
O vizinho fica sem entender.
Ele responde: Minha esposa pensou que era eu voltando da festa tarde da noite.

Minha esposa pediu para comprar álcool. Quando cheguei ela falou que não era 70. Comprei álcool 46°. Então expliquei: passa duas vezes que $46+46=92$, o resultado é maior que o 70.

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!
comunicacao@redesdamare.org.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276
www.redesdamare.org.br
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

COORDENADORA DE

COMUNICAÇÃO:
Daniele Moura

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA

Andressa Cabral

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Jéssica Pires

Flávia Veloso

Matheus Affonso

FOTÓGRAFO

Douglas Lopes

REVISORA

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórmula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todos os meses na maioria das residências das nossas favelas. Caso não chegue na sua, é só ir buscar na Associação de Moradores da sua comunidade. É gratuito. Leia também notícias fresquinhas do nosso bairro em www.mareonline.com.br

[@redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.twitter.com/redesdamare)

Nada supera o bom senso



SIMONE LAUAR
Moradora do Salsa e Merengue, administradora do Garotas da Maré e colunista convidada do Maré de Notícias

Desde que essa pandemia devido à vilã Covid-19 começou, eu só perdi. Posso enumerar todas as dores de cabeça, estresses, noites sem dormir... Para quem mora na favela, sabe que não precisamos de pandemia vinda da China pra ter um sistema de saúde precário. Somos reféns da insegurança do ir e não saber se voltamos de lá vivos. Parece que as pessoas não estão querendo aceitar que nossas vidas estão em xeque-mate, estando mais preocupadas com elas e não olhando o próximo.

Como disse, eu perdi muita coisa. Principalmente o meu emprego. Eu fazia "quentinhas" para fora para ajudar na renda da minha família e com essa pandemia, eu tive que parar, assim como muitos de nós da Maré. Parei para não ser uma pessoa que pudesse transmitir a doença para outras.

Nos últimos dias de abril foi possível notar o quanto há pessoas egoístas nesse Brasil. Pessoas preocupadas com seus churrascos e festas, fazendo *lives* e compartilhando a sua diversão nesse momento que se deveria respeitar o isolamento, outras dizendo

maioria das pessoas daqui.

No dia 26 de abril, perdi uma pessoa que eu amava muito: Marinalva era minha avó e morreu à espera de uma vaga num hospital. Nessa mesma noite, eu saí de madrugada com a minha irmã para ficar na fila e tentar garantir o Auxílio Emergencial. Saímos às cinco da manhã e para minha triste surpresa, no meio do caminho tinha uma megafesta de rua, cheia de adolescentes bebendo, se abraçando, sem máscaras e como se fosse um Carnaval fora de época. Existem corpos enfileirados na UPA aqui da Maré, e as pessoas estão na rua em festas? É isso mesmo?

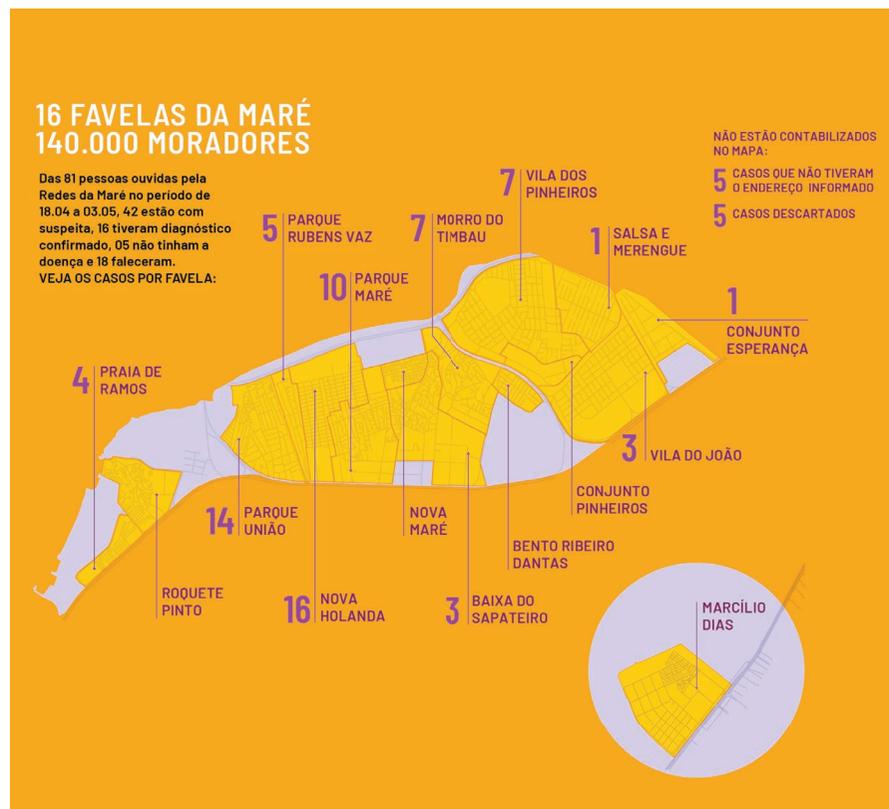
Têm acontecido vários mutirões para conscientizar os moradores. Várias pessoas arriscando vidas para doar cestas básicas, distribuir quentinhas para pessoas em situação de rua, e essas outras pessoas estão nas ruas bebendo como se nada

estivesse acontecendo? O que mais me dói é ter que depender do bom senso das pessoas para salvar nossas vidas.

Depois de mim. Ainda mais quando soube que várias e vários profissionais de saúde também estão falecendo. Enterros sem despedidas... Você já se imaginou não se despedir daquela pessoa que fez parte de muitas histórias bacanas na sua vida?

"Parei [de trabalhar] para não ser uma pessoa que pudesse transmitir a doença para outras. Parei para não carregar esse vírus para a minha casa. Parei para ter minha família, amigos e clientes vivos!"

SIMONE LAUAR



Moradores como Simone Lauar relatam número de casos superior ao registrado pelos órgãos oficiais

que isso não vai pegar, lideranças políticas mais preocupadas com a economia do que com as vidas.... Nada disso está certo.

Quando vi todas aquelas pessoas rindo e aglomeradas dançando, eu só queria que elas sentissem a dor do luto que eu estava sentindo. Da sensação de perda

e impotência de não poder ajudar a minha avó a ter um meio para ela viver. Uma revolta muito grande tomou conta de mim. Ainda mais quando soube

depois que várias e vários profissionais de saúde também estão falecendo. Enterros sem despedidas... Você já se imaginou não se despedir daquela pessoa que fez parte de muitas histórias bacanas na sua vida?

Esse vírus está entrando na favela pela porta da frente e essas pessoas estão abrindo a porta para o novo coronavírus. Um vírus que está se mudando e em cada organismo causa uma reação. Existem pessoas que testam positivo para o coronavírus e tiveram derrame. Outras têm falecido de infarto fulminante. E pessoas que não têm nenhum sintoma e passam para família sem nem saber que estão infectadas. Tudo ainda é incerto, mas quase ninguém aqui está ligando. Só irão ligar quando o coronavírus tiver um rosto e um CPF, assim como foi comigo.

Mas o que podemos fazer? A mídia e as frentes comunitárias têm feito diversas ações falando sobre o vírus, mas parece que não há mais por onde alertar essas pessoas. Só o bom senso... Só o amor ao próximo poderá nos salvar desse mal. Sempre importante reforçar: fiquem em casa e cuidem dos seus.

Todos de máscaras

Com decreto, cidade utiliza acessório como ferramenta de proteção

HÉLIO EUCLIDES

“Antes era proibido, agora é obrigatório, que confusão” — essa foi uma frase de um morador da Maré, em Bonsucesso. Ele estava se referindo, primeiro, à Organização Mundial da Saúde, que só recomendava o uso da máscara para infectados e profissionais de saúde. E depois, a obrigação das máscaras de proteção foi definida por decreto da Prefeitura do Rio, que entrou em vigor no dia 23 de abril. A medida foi tomada para conter a disseminação do novo coronavírus. Na Maré, o número de moradores que utilizam o novo acessório de tecido vem aumentando, mas é possível ver pessoas com o utensílio no pescoço, debaixo do queixo, ou simplesmente se abstendo do uso.

Nenhum folião que desfilou no Carnaval vestido de médico iria imaginar que a máscara seria reutilizada, não para festejar, mas para proteção. O primeiro alerta foi dado no primeiro dia de abril, quando o Ministério da Saúde orientou que “qualquer pessoa” poderia fazer máscaras de pano como barreira contra o novo coronavírus. No próprio site do Ministério, ficou disponível um modelo para fabricação caseira.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) recomenda o uso de máscaras caseiras, mas lembra que o uso, pela população em geral, pode causar uma falsa sensação de proteção. Mesmo com a máscara, as principais medidas, hoje, capazes de diminuir o aumento da COVID-19 são a manutenção do isolamento social; as medidas de higiene, como

DOUGLAS LOPES



lavar as mãos, higienizar a casa e os produtos que vêm da rua; os cuidados com as máscaras, como não compartilhar e não tocar nela depois de colocá-la.

A multiplicação das máscaras

Na Maré, diversas costureiras viram a necessidade de fabricar máscaras, como uma forma de ajudar na economia da casa. **Fernanda Gomes**, moradora do Conjunto Esperança, realiza a venda e a entrega das máscaras feitas por sua mãe. “Ela, antes, vendia pano de prato. No momento, tinha pedaço de pano estocado e percebemos a necessidade da comunidade. Então, partimos para as máscaras. Tem muita gente procurando, já vendi umas 100 unidades”, conta. Ela vende cada uma ao preço de R\$ 5,00.

A vontade de ajudar moradores incentiva a mudança do ramo do negócio.

Cristina Alves, que antes tinha um salão de beleza no Morro do Timbau, decidiu investir também na produção das máscaras. “O isolamento social na favela é complicado, especialmente com bar aberto. Pensei em fazer um trabalho social, com máscaras a preço de custo, para que todos tenham acesso. O objetivo é conscientizar o morador da necessidade de proteção”, diz. As máscaras que ela e amigas fabricam são vendidas por R\$ 2,50, a unidade.

Moradores se adaptam à nova moda

Algumas máscaras são de apenas uma cor, outras coloridas e algumas temáticas. O morador percebe que o importante é a proteção, sua e do vizinho. “Sou diabética e idosa, por isso tenho de me proteger. Antes do decreto já usava, pois tenho consciência do estrago que a pandemia vem causan-

do. Quero viver e ver meus netos crescerem”, comenta **Maria José**, de 60 anos, moradora do Conjunto Esperança. Este é o mesmo pensamento de **Cristiane Mendes**, moradora do Salsa e Merengue. “Não é só pelo decreto municipal. Todos têm de usar, pois tem muita gente na rua. Eu só saio de casa quando necessário”, relata.

Não só mulheres da Maré assumiram o uso das máscaras, mas homens e crianças. “Eu me curei de uma pneumonia. Passei por maus bocados e não quero viver isso de novo. Uso a máscara e acho que todos devem utilizar também”, diz **Antônio da Conceição**, conhecido como Beto Filó, morador da Vila do Pinheiro.

A união das mulheres faz a força

Muitas mulheres na Maré viraram empreendedoras de máscaras de tecido. Ima-

gina quando elas se unem para fazer solidariedade na favela...Esse é o objetivo do Tecendo Máscaras e Cuidados, da Casa das Mulheres da Maré. O projeto é uma das ações de geração de renda e sensibilização para a prevenção à COVID-19. O financiamento vem de doadores da Campanha Maré diz NÃO ao Coronavírus, da Redes da Maré. Com as doações, já foi possível realizar o projeto-piloto, que reúne 32 costureiras da favela.

A meta do projeto-piloto é a produção diária de 80 máscaras, podendo chegar a 12 mil peças semanais, com a duração de dois meses. Depois de prontas, as máscaras serão higienizadas e distribuídas no território, para aqueles que precisam ir às unidades de saúde, as mães da Associação Especiais da Maré e a população em situação de rua. “Eu tive COVID-19 e percebo que é uma forma de ajudar as pessoas a entender que precisamos, de fato, da proteção. Além de ser um projeto importante, a gente espera que se reflita para outras vertentes, até mesmo para a Casa das Mulheres”, expõe **Myllenne Fortunato**, produtora do projeto Tecendo Máscaras e Cuidados.

O projeto ainda aguarda mais doações para continuar e se desenvolver, agregando mais mulheres e adquirindo material. Uma das reclamações é que as matérias-primas, como elástico, tecido e linha, tiveram uma elevação no preço.

Quando a proteção vira fake news

O uso de máscara também foi alvo de diversas fake news. Circulou nas redes sociais um áudio, que afirmava que o acessório doado pela Prefeitura do Rio de Janeiro vinha da China e estava contaminado, instigando as pessoas a não receberem o produto. A in-

formação foi negada pela Administração municipal.

Em outro caso, uma cabeleireira andou de máscara pelas ruas da Vila do Pinheiro antes do decreto, e virou motivo de várias mensagens preconceituosas. Ela utiliza máscara durante o seu trabalho, para não inalar os produtos que aplica nos cabelos das clientes. “Um dia, levei um grande susto, quando um amigo ligou chorando [dizendo] que minha esposa tinha morrido de coronavírus. Como pode pessoas espalharem essa notícia?”, conta **Edson Soares**.

O outro caso de fake news aconteceu no Morro do Timbau, quando circulou a informação de que um morador tinha contraído a COVID-19 e estava circulando constantemente pelas ruas, colocando a saúde de todos em risco. Ao saber da notícia, o morador entrou em contato com o Maré de Notícias e explicou que teve orientação médica da quarentena e a cumpriu corretamente. As notícias falsas causam mais do que constrangimentos: colocam a vida de pessoas em risco!

Máscara de tecido é coisa séria

Raphael Rangel, biomédico virologista do Centro Universitário IBMR, entende que a máscara não vai impedir que a pessoa seja infectada, mas que outras infectadas emitam gotículas virais e, assim, se consegue diminuir a propagação do vírus. O biomédico destaca que a forma correta de uso da máscara é cobrindo nariz e boca, que são as vias aéreas respiratórias superiores. “Não se pode tirar para falar. Agora é preciso evitar falar, pois fica umidificada e pode perder o seu efeito. Se por acaso a pessoa vier a tossir ou espirrar de máscara, deve levar o antebraço à

superfície da boca e do nariz para cobrir”, conta. A regra de cobrir boca e nariz ao espirrar ou tossir continua, mesmo com o uso da máscara.

A recomendação é do uso da máscara quando tiver a necessidade de ir à rua, como ao supermercado. “É uma medida de segurança complementar ao isolamento, ao distanciamento, à lavagem das mãos, entre outros. Não é pelo fato de estar usando a máscara que devemos ir às ruas e ficar passeando. Devemos seguir

as orientações dos órgãos de saúde, para que possamos passar por esse momento difícil da melhor maneira possível, garantindo a segurança da população, principalmente nas comunidades”, comenta.

Sobre a limpeza, Rangel adverte que as máscaras caseiras de pano devem ser trocadas a cada duas ou, no máximo, quatro horas. Que depois do uso, devem ser higienizadas numa solução de um litro de água e duas colheres de sopa de água sanitária.

IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE MÁSCARAS

O infográfico apresenta quatro situações de interação entre duas pessoas, uma infectada e uma não infectada, com diferentes níveis de contágio dependendo do uso de máscaras:

- PESSOA COM COVID-19** e **PESSOA SEM COVID-19** (ambos sem máscara): **Nível de contágio MUITO ALTO**.
- PESSOA NÃO INFECTADA DE MÁSCARA** e **PESSOA INFECTADA DE MÁSCARA** (ambos com máscara): **Nível de contágio ALTO**.
- PESSOA INFECTADA DE MÁSCARA** e **PESSOA NÃO INFECTADA DE MÁSCARA** (ambos com máscara): **Nível de contágio MÉDIO**.
- PESSOA COM COVID-19** e **PESSOA SEM COVID-19** (ambos com máscara): **Nível de contágio BAIXO**.

Acidentes domésticos aumentam durante isolamento

Desde o início da quarentena, o número de acidentes domésticos aumentou. Mudança na rotina pode ajudar a evitá-los



PREVENÇÃO
AOS ACIDENTES DOMÉSTICOS

&

GUIA RÁPIDO
DE PRIMEIROS SOCORROS

PREVENÇÃO

Tome cuidado na cozinha:

- » Use as bocas de trás do fogão e certifique-se de que os cabos das panelas estejam virados para dentro, para não serem alcançados pelas crianças;
- » Mantenha fósforos, isqueiros, álcool líquido, álcool em gel, objetos de vidro e cerâmica, facas e sacos plásticos fora do alcance das crianças;
- » Cuidado no uso de toalha comprida na mesa de jantar! As crianças podem puxá-la e se houver algo sobre ela, como líquidos e alimentos quentes, isso pode cair em cima dos pequenos e causar graves queimaduras.



Intoxicação

As intoxicações ocorrem em consequência da ingestão, inalação ou contato de determinadas substâncias com a pele, por exemplo: plantas tóxicas, alimentos contaminados, produtos de limpeza, remédios, soda e inseticida.

Podem causar:

- » Irritação nos olhos, garganta e nariz;
- » Salivação abundante;
- » Vômito;
- » Diarreia;
- » Convulsões;
- » Asfixia;
- » Tontura e sonolência.

Em caso de intoxicações, o recomendado é identificar o agente causador da intoxicação e solicitar atendimento especializado.

Em caso de intoxicação ligue:

DISQUE INTOXICAÇÃO
0800-722-6601
ATENDIMENTO 24 HORAS

Acesse a cartilha “Prevenção aos acidentes domésticos e guia rápido de primeiros socorros” no site <https://www.gov.br/mdh>

FLÁVIA VELOSO

A casa tem ficado cheia por mais tempo, desde o início da quarentena, e é preciso ficar atento para evitar acidentes com crianças, idosos e, até mesmo, com os adultos. As crianças em tempo integral, em casa, e a rotina de afazeres domésticos com toda a família confinada chamaram a atenção de autoridades governamentais e em saúde para que as pessoas tomem cuidado no dia a dia.

Quedas, sufocamento e queimaduras são comuns e, ainda assim, são motivos de preocupação. As lesões provocadas podem ter consequências sérias, como fraturas, hemorragias, grandes áreas do corpo queimadas – o que pode levar ao óbito. Embora os mais jovens tenham melhor função motora e os acidentes domésticos não tenham consequências graves, precisam também tomar precauções. Dos atendimentos hospitalares realizados, 38% são feitos em pessoas que sofreram acidentes domésticos.

A recomendação atual da Rede Pública de Saúde é

que a população só procure postos médicos, clínicas da família e hospitais em casos graves, para evitar o contágio do coronavírus. Quase 100% dos leitos no Rio de Janeiro já estão ocupados e muitas unidades de saúde só estão atendendo a casos suspeitos de COVID-19.

Cuidado onde pisa

Dos acidentes domésticos em idosos, os mais recorrentes são as quedas. Cerca de 30% dos indivíduos acima de 65 anos sofrem quedas; o número aumenta para 40% aos 80 anos e uma em cada 20 necessita de internação. As causas são, principalmente, fraqueza muscular, falta de equilíbrio e danos psicológicos, que são decorrentes do avanço da idade, doenças ou efeitos colaterais de medicamentos.

Além dos estudos que provam a eficácia da prática de exercícios físicos para prevenir quedas, o cuidado com a casa também é essencial para diminuir esse tipo de acidente. Deve-se evitar colocar tapetes e ou-

tros objetos no chão; deixar o ambiente iluminado; colocar corrimão em escadas e banheiros; certificar-se que os calçados sejam antiderrapantes e evitar subir em bancos, cadeiras, escadas e outros lugares que exigem maior equilíbrio.

Atenção às crianças

“No dia 20 de abril, nosso pequeno artista caiu e mordeu a língua. Até aí, tudo bem, toda criança cai, né? Mas percebi que ele estava todo ensanguentado e com a mão na boca. Inicialmente, achei que era um dente quebrado, gengiva ou lábio que abriu, mas para a minha surpresa ele tinha rasgado a língua. Resolvi levar no hospital. Quando cheguei lá, fui informada que seria necessário dar ponto, pois a abertura tinha sido mais séria do que se imaginava...”, contou **Fernanda dos Santos**, moradora do Complexo do Alemão, sobre seu filho mais novo.

A maioria dos atendimentos em hospital, por acidentes domésticos, é feito em crianças e as consequências

são a maior causa de óbito de indivíduos de 1 a 14 anos de idade. Segundo o Ministério da Saúde, os acidentes domésticos com crianças correspondem a cerca de 110 mil casos de hospitalização, por ano. A preocupação é crescente durante períodos de maior estadia em casa, como férias e, atualmente, o isolamento social, pois os acidentes domésticos com os pequenos aumentaram 25% nesse período.

Os médicos afirmam que o confinamento acaba aguçando a criatividade. As crianças podem ficar mais agitadas e brincar em lugares da casa antes inexplorados. A boa notícia é que 90% dos acidentes são evitáveis e a melhor maneira é ficar de olho na garotada.

No início do mês de abril, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) lançou a cartilha “Prevenção aos acidentes domésticos e guia rápido de primeiros socorros”, que pode ser encontrada na internet, sobre como se pode evitar acidentes domésticos com crianças, as técnicas de primeiros socorros, dicas para saber quando é necessário levar o pequeno ao hospital e quem a família deve acionar para o socorro.

Alternativas para distração

Mas como lidar com criança dentro de casa o dia inteiro? Após um mês e meio de um dos isolamentos mais rígidos do mundo, a Espanha resolveu permitir que crianças e adolescentes até 14 anos de idade saiam acompanhados de seus responsáveis, para brincar isolados por até uma hora e por não mais de um quilômetro longe de casa.

Enquanto as crianças brasileiras ainda não podem sair de casa (ainda que a realidade em muitos bairros e favelas seja de crianças nas ruas e brincando), as famílias precisam encontrar alternativas para tornar o dia a dia mais agradável e conscientizá-las sobre a importância de ficar em casa.

Fernanda tem dois filhos - o mais novo, de 1 ano e 10 meses, e o mais velho, de 6 anos. Ela conta que a rotina mudou por causa do isolamento e não tem sido fácil: “Tem sido complicado ter de adaptar a rotina 24 horas voltada para eles, mas criamos mais atividades e tentamos manter essa rotina.” A adaptação da rotina, principalmente pelo bem-estar das crianças, é o que indicam os especialistas.

“Um bom começo seria melhorar a escuta, ouvir os outros, fazer coisas juntos. É importante para a criança o convívio com os pais: brincar, ver filmes, jogar baralho, dominó... Envolver toda a família nas tarefas domésticas, para que a criança se perceba como parte fundamental desse coletivo, e ver seu pai participando dessas tarefas também é importante. A família também deve criar uma rotina: ter hora para acordar, comer, brincar e dormir. Isso cria uma sensação de segurança no ambiente”, disse **Priscilla Monteiro**, psicóloga formada pela PUC-RJ, coordenadora e psicoterapeuta no Espaço Casulo, na Baixa do Sapateiro.

A psicóloga também alerta sobre a importância de conversar com os filhos pequenos sobre o novo coronavírus: “Esconder as coisas não é uma forma de proteger, não é uma boa alternativa para o desenvolvimento da criança. Os pais podem adaptar a linguagem à idade dela, uma linguagem infantil. Dizer que existem ‘bichinhos’ chamados coronavírus, são muito pequenos, então só dá para ver com um aparelho, e se ele entrar nas pessoas, elas ficam doentes. Temos de tirar esse ‘bichinho’, e a forma de fazer isso é lavando as mãos e colocando a máscara, para ele não entrar na nossa respiração. Para a criança, é difícil ficar privada, não encontrar os amigos, comemorar o aniversário. É necessário explicar que isso é necessário no momento, que quanto mais ela se cuidar, mais ela vai se proteger, os amigos e a família. A criança se sente feliz de poder fazer alguma coisa para contribuir.”

DICAS PARA PRESERVAR AS CRIANÇAS DE ACIDENTES



LUGAR DE CRIANÇA NÃO É NA COZINHA.





DE PREFERÊNCIA, COZINHE NAS BOCAS TRASEIRAS DO FOGÃO E DEIXE AS ALÇAS DAS PANELAS VIRADAS PARA DENTRO.



MANTENHA FÓSFOROS, ISQUEIROS, PRODUTOS DE LIMPEZA, LÍQUIDOS INFLAMÁVEIS, OBJETOS DE VIDRO, FACAS E SACOS PLÁSTICOS FORA DE ALCANCE.

TENHA CUIDADO AO USAR TOALHAS DE MESA PARA QUE A CRIANÇA NÃO AS PUXE.



NÃO DEIXE MÓVEIS PRÓXIMOS A JANELAS.



CERTIFIQUE-SE DE QUE OS BRINQUEDOS SÃO DE ACORDO COM A IDADE DA CRIANÇA E SEMPRE INSPECIONE A QUALIDADE EM QUE ELES SE ENCONTRAM.



FIXE, NA PAREDE, MÓVEIS QUE POSSAM ACABAR TOMBANDO.



COLOQUE PROTEÇÕES DE BORRACHA EM MÓVEIS COM QUINAS PONTIAGUDAS.



NÃO DEIXE A CRIANÇA TOMAR BANHO SOZINHA.

CONFIRA SEMPRE SE A TEMPERATURA DA ÁGUA NÃO ESTÁ MUITO QUENTE.





MANTENHA PRODUTOS DE BELEZA E HIGIENE, MEDICAMENTOS, BARBEADORES, LÂMINAS, TESOURAS, SECADORES DE CABELO E CHAPINHAS FORA DE ALCANCE.

NÃO DEIXE, NO CHÃO, OBJETOS PEQUENOS QUE POSSAM MACHUCAR OS PÉS OU SER LEVADOS À BOCA, COMO BRINCOS, MOEDAS, BOLAS DE GUDE E OUTROS QUE SEJAM FÁCEIS DE ENGOLIR.



MANTENHA FIOS DE ELETRICIDADE FORA DE ALCANCE E CUBRA TOMADAS COM FITA ISOLANTE.



EVITE DEIXAR QUE A CRIANÇA FIQUE DESCALÇA.



EM CASO DE ACIDENTE GRAVE, ENTRE EM CONTATO COM OS SEGUINTE SERVIÇOS:

- CORPO DE BOMBEIROS: 193
- SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA (SAMU): 192
- DISQUE INTOXICAÇÃO: 0800-722-6601

Subnotificação e testagem

Números oficiais de casos divulgados da COVID-19 não refletem a realidade da Maré

JÉSSICA PIRES E DANI MOURA

A Maré é formada por 16 favelas que reúnem mais de 140 mil moradores em 5,79 km² de área, sendo um morro, cuja população supera a de municípios do estado do Rio de Janeiro, como Queimados e Maricá, por exemplo, que contabilizam, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, 137.962 e 127.461 habitantes, respectivamente. Há favelas na Maré com mais de 20 mil moradores, como é o caso do Parque União, e outras, que concentram mais de três moradores em um mesmo domicílio, em média, como o Conjunto Bento Ribeiro Dantas e a Nova Maré. Domicílios que em grande maioria não passam de três cômodos.

Até o momento do fechamento desta matéria (04 de maio), a Maré tem 37 casos confirmados e 6 óbitos (dia 10 de maio), de acordo com o Painel Rio COVID-19, que concentra e divulga as informações das secretarias de saúde sobre os casos do novo coronavírus. Contrapondo os dados oficiais, diariamente são vistos relatos de moradores nos grupos de WhatsApp da Maré, informando sobre óbitos de pessoas com síndromes respiratórias. O movimento de uma possível subnotificação também acontece em outras favelas do Rio: o Jornal Voz das Comunidades publicou, em uma rede social no último dia 20 de abril, que o Complexo do Alemão tem mais de mil casos suspeitos de coronavírus. O levantamento foi feito por profissionais da Clínica da Família Zilda Arns. O Painel da Prefeitura contabiliza apenas quatro casos na região.

A possibilidade de existir subnotificação é confirmada pelo Ministério da Saúde e por inúmeros estudos de instituições consagradas, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Como não há testagem em massa, boa parte dos doentes assintomáticos ou com sintomas leves não chega a ser testada.

DOUGLAS LOPES



Diante risco de contaminação por COVID-19, alguns atendimentos estão acontecendo na área externa das unidades de saúde da Maré

As evidências indicam, no entanto, que até mesmo o número de mortes de casos graves de coronavírus é maior do que o confirmado oficialmente a cada dia, pelo Ministério da Saúde e as secretarias estaduais. É o que mostram alguns dados do Portal de Transparência dos Cartórios do estado do Rio. Em comparação com 2019, houve um aumento de 2.500% do número de mortes por síndrome respiratória grave, uma das consequências da COVID-19 no corpo. Outro dado relevante é o aumento de 8.533% do número de mortes sem causa definida.

Um estudo da Fiocruz mostrou um aumento expressivo nas internações por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) este ano, no Brasil, em comparação com a média dos últimos 10 anos. Na contagem da Fiocruz, até 4 de abril deste ano, o Brasil teve 33,5 mil internações por SRAG, muito acima da média desde 2010, de 3,9 mil casos. Mesmo em

2016, quando houve um surto de H1N1, foram registrados 10,4 mil casos no mesmo período do ano.

Na Maré, a subnotificação é visível na UPA, com maior movimentação de ambulâncias e relatos de moradores. Segundo funcionários da Unidade, que preferiram não se identificar, são atendidas cerca de 30 pessoas por dia com sintomas do novo coronavírus no local. Porém, como a indicação é que testes e internações sejam realizadas apenas em casos de sintomas graves ou gravíssimos, a recomendação é que as pessoas se isolem em suas casas.

De acordo com informações coletadas pela equipe de Serviço Social da Redes da Maré, as Clínicas da Família têm a recomendação de seguir o acompanhamento *on-line* com as pessoas que retornam para casa. Porém, não foi a realidade vivenciada por **Felipe Afonso**, morador da Nova Holanda: “Eu já não aguentava mais de dor no corpo, tossindo muito, febre altíssima, sem olfato,



DOUGLAS LOPES

Moradores do entorno da UPA Maré relataram aumento de circulação de ambulâncias no local sem paladar. Então, no dia seguinte, fui ao posto e o médico me atendeu, passou Azitromicina e Novalgina, e me recomendou ficar em casa. Até o momento, ninguém entrou em contato comigo, faz 11 dias.”

“Meu pai fez uma tomografia no Evandro Freire no dia 20, dia em que foi internado. Pela tomografia, diagnosticaram a COVID. Só que o exame de sangue levava de 5 a 10 dias para o resultado. Quando aconteceu tudo (a notícia do óbito), dia 27, a menina do Ronaldo Gazolla disse que o resultado do exame de sangue ainda não tinha saído, e o óbito sairia como pneumonia viral com ‘suspeita de corona’, que depois eu poderia acionar pra poder trocar. Mas eu disse pra ela: ‘no que isso vai mudar?’” Esse foi o relato de **Michelle Araújo**, moradora do Rubens Vaz, sobre a informação de tipo de morte que constou na Certidão de Óbito do pai, Olavo Pereira, de 64 anos. A morte de Olavo, portanto, não consta como um caso de coronavírus. A rapidez com que os casos têm evoluído e o tempo de testagem também contribuem para o processo de subnotificação.

Clínicas particulares

Outro cenário que fortalece a possibilidade de haver subnotificação, em especial na Maré, é o da realização de testes em clínicas par-

ticulares. Ainda na 3ª semana de recomendação de distanciamento social, quando a Maré registrava apenas oito casos, de acordo com as secretarias de saúde, o Centro Médico e Odontológico Popular Pinheiro, da Vila dos Pinheiros, já havia realizado 22 testes, com sete deles com resultado positivo para a COVID-19. De acordo com a responsável de uma outra clínica particular da Maré, que preferiu também não se identificar, os laboratórios particulares só têm autorização para passar informações sobre os casos para a Secretaria Municipal de Saúde.

DOUGLAS LOPES



Indicar a residência em bairros vizinhos ajuda que o número oficiais de casos na Maré sejam menores

A publicitação dos casos confirmados é de responsabilidade das secretarias municipal e estadual de saúde, após compilação dos dados digitados nas plataformas oficiais nas Unidades de Saúde. É o que conta **Mirza Rocha de Figueiredo**, médica epidemiologista do Núcleo Hospitalar de Epidemiologia do IFF/Fiocruz.

A Secretaria Municipal de Saúde informou que as notificações de casos confirmados de COVID-19 levam em consideração o endereço informado no momento do atendimento. A comunicação do Hospital Federal de Bonsucesso e do Hospital Municipal Evandro Freire, da Ilha do Governador, confirmaram que seguem esse padrão no processo de notificação. As equipes da Secretaria Municipal de Saúde informaram, também, que estão atentas às classificações territoriais e trabalham, continuamente, para identificar os casos em comunidades.

Bairros vizinhos da Maré

Enquanto a Maré, com mais de 140 mil habitantes, apresentava em 10 de maio, 37 casos e 6 óbitos por COVID-19, bairros próximos, cujo número populacional é inferior ao da Maré, têm apresentado grande número de casos. Assim acontece com Bonsucesso, bairro que atende às principais demandas das favelas da Maré, como agências bancárias. O bairro tem cerca de 18 mil mo-



BERNARD PORTELLA / FIOCRUZ

Duas clínicas particulares da Maré que estão realizando testes de COVID-19 cobram cerca de R\$200 por testagem

Saiba mais sobre o processo de luta pelo reconhecimento da Maré como bairro no Guia de Ruas da Maré em:

http://redesdamare.org.br/media/livros/GuiaMare_26mai.pdf

radores, segundo o Censo IBGE de 2010, e apresentava 93 casos e 17 óbitos, em 10 de maio. Estes dados apontam um outro fator que favorece a subnotificação: muitos moradores que são atendidos em clínicas e hospitais fora da Maré identificam os seus endereços como bairros vizinhos e, não, Maré.

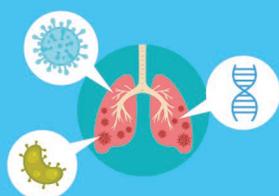
Cabe ressaltar a importância de os moradores da Maré identificarem os seus endereços residenciais, fazendo referência à Maré como seu bairro de origem, no momento do cadastro de atendimento nos hospitais e centros de saúde. Dessa forma, os dados poderão ser direcionados de forma correta nos bancos de dados dos hospitais.

Testagem

O diagnóstico do novo coronavírus é realizado a partir da coleta de sangue ou amostras respiratórias de pessoas com sintomas considerados suspeitos, como febre alta, tosse seca e de falta de ar por mais de 72 horas, além de outros, que têm sido variados entre as pessoas infectadas. Existem alguns tipos de testes disponíveis, como o que identifica o vírus e o que identifica os anticorpos. (Veja box)

Testes de anticorpos (detecta se a pessoa criou anticorpo ao vírus e deve ser feito com pelo menos 7 dias de sintomas)

- Feito por gota de sangue retirada na ponta do dedo, que tem margem de erro alta, fica pronto em 20 minutos
- Por sorologia, que colhe sangue, sai com 24-48h e tem margem de erro menor.



Teste que detecta o vírus, a infecção (feito quando a pessoa está com sintomas mais graves)

- Se chama RT PCR, feito tirando material do nariz e garganta, em pacientes internados ou mais graves, pois é mais caro e não há em quantidade suficiente. Demora até 10 dias para sair o resultado.

Com o crescente número de casos em todo o País, estado e cidade do Rio de Janeiro, seria importante que o número de pessoas testadas também crescesse, mas não é a realidade. Poucas pessoas na Maré foram testadas, inclusive com sintomas, já que a orientação do Ministério da Saúde é testar, apenas, os casos mais graves, o que aumenta – e muito – a possibilidade de subnotificação. Na Maré, há a informação de muitos casos suspeitos.

Diversas autoridades médicas e representantes do Poder público já se pronunciaram sobre a escassez de testes e a recomendação é

de que eles precisam ser realizados em maior quantidade de pessoas, incluindo aquelas que não têm sintomas graves ou gravíssimos. Com isso, muitas pessoas com sintomas leves e não conseguem ser testadas nas unidades de saúde têm buscado realizar os testes em clínicas particulares.

Diante desse cenário, no dia 28 de abril, foi autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) que farmácias e drogarias do País façam a testagem rápida de anticorpos para a COVID-19. A Medida Provisória tem como objetivo diminuir a demanda da Rede de Saúde, ampliando a oferta de testagem apenas em estabelecimentos regularizados pela Agência. As farmácias que aderirem à testagem devem seguir, entre os protocolos, a garantia de que os resultados sejam registrados e rastreados para auxiliar na notificação dos casos.

Na Maré, foram identificadas pelo Maré de Notícias duas clínicas particulares que estão fazendo esses testes. A média do valor dos testes é de R\$ 200 a R\$ 320. O teste realizado nas duas clínicas é o rápido, pelo qual o paciente obtém o resultado ainda no mesmo dia. De acordo com a Fiocruz, a notificação da Rede de Saúde privada segue o mesmo fluxo da Rede pública, sendo comunicados às secretarias municipais e estaduais de saúde diariamente, assim como inseridos na plataforma digital do Ministério da Saúde (e-SUS). Entretanto, a Secretaria de Estado de Saúde informou que se o paciente for atendido em uma unidade pública de saúde com a confirmação do teste particular, o procedimento deverá ser refeito pelo SUS.

A Fiocruz está realizando análises em, pelo menos, sete novos testes importados da China. São analisadas a eficácia e a sensibilidade dos testes. O objetivo é entender se são eficazes em fazer aquilo a que se propõem (testar o vírus no organismo da pessoa) e qual é o grau de sensibilidade (se o teste é capaz de identificar o vírus no organismo).

Favelas conectadas contra a COVID-19

Coletivos, projetos e ONGs de favelas e periferias de todo o Rio de Janeiro aderem a campanhas de mobilização para levar informação sobre a pandemia e ajudar no sustento das famílias



DOUGLAS LOPES

No Centro de Artes da Maré, tecedores e voluntários participam da distribuição de alimentos e kits de higiene e limpeza durante a Campanha Maré diz NÃO ao Coronavírus

FLÁVIA VELOSO

Antes de as esferas municipal, estadual e federal do Estado pensarem ações diretamente para as favelas e periferias do Rio, as próprias comunidades perceberam que, mais uma vez, teriam de estudar e colocar em prática estratégias para ajudar as famílias que moram nestes territórios. Foram criados, então, Gabinetes de Crise locais, para atender a demandas de alimentação e higiene das populações faveladas em várias localidades. Assim, nasceram muitas campanhas nas periferias do Brasil - e não foi diferente no Rio de Janeiro.

Na Maré, a Campanha Maré diz NÃO ao Coronavírus, da Redes da Maré junto com instituições e parceiros, distribui cestas básicas e kits de higiene e limpeza para famílias em maior situação de vulnerabilidade das 16 favelas da Maré, além de

“quentinhas”, produzidas por mulheres do projeto Maré de Sabores, da Redes da Maré, que acontece na Casa das Mulheres. A campanha terá a duração de três meses e outras frentes de atuação. No primeiro mês de trabalho, foram mais de 300 toneladas de itens doados, entre eles 7.272 cestas básicas de alimentos e kits de limpeza, além de 4.600 “quentinhas” que foram entregues para pessoas em situação de rua, da *Cena de Crack*, na Rua Flavia Farnese (Parque Maré), e na Avenida Brasil (na altura do Parque União). As “quentinhas” foram produzidas por mulheres do *buffet* Maré de Sabores, que por causa da pandemia tiveram suas rendas impactadas devido ao cancelamento dos eventos. Haverá também produção de máscaras e arrecadação de EPIs (equipamentos de proteção individual) para

unidades de saúde, entre outros locais.

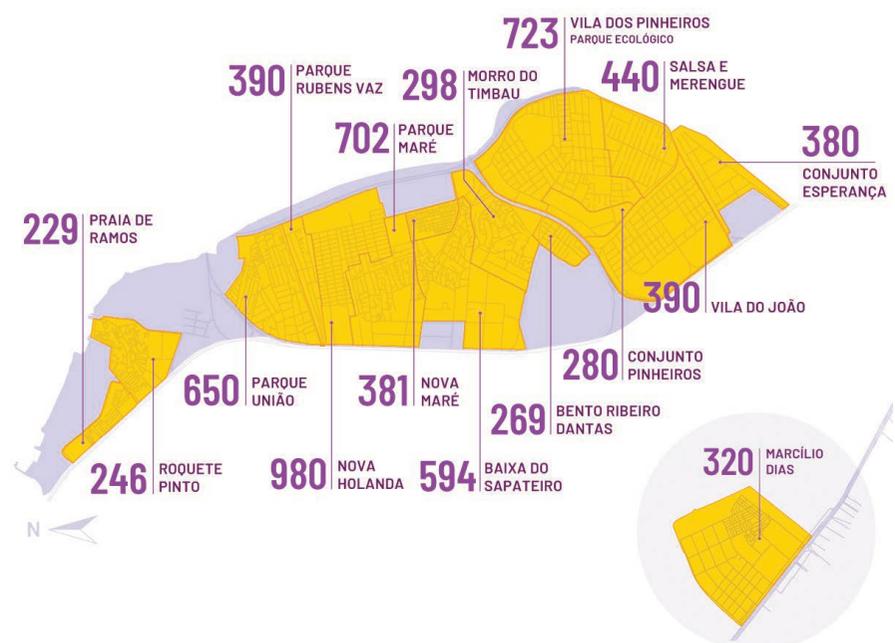
Já a iniciativa #Covid-19NasFavelas direciona recursos para oito coletivos periféricos: Conexão Favela e Arte (Niterói), Projeto SAAF (Vila Kennedy), B.A.S.E. (Santa Cruz), Fala Akari (Acari), União Coletiva pela Zona Oeste (Santa Cruz, Paciência e Sepe-tiba), Movimenta Caxias,

Maré 0800 (Conjunto de Favelas da Maré) e Coletivo Papo Reto (Complexo do Alemão). Com a visibilidade da #Covid19NasFavelas, outros projetos, coletivos e ONGs de favelas adotaram a *hashtag* (#) para chamar a atenção para outras localidades e sinalizar a importância de se pensar soluções de cuidado e prevenção para as

7.272

CESTAS BÁSICAS E KITS DE HIGIENE PESSOAL E DE LIMPEZA ENTREGUES

ITENS ENTREGUES ENTRE 28.03 E 18.04





KAMILA CAMILLO

Voluntário da ONG Luta Pela Paz desinfecta carro antes de começar doações a moradores favelas.

Essas ações despertaram a atenção de artistas, que resolveram contribuir com a causa. O cantor Belo se apresentou pelo YouTube, para arrecadar itens que foram doados aos coletivos da #Covid-19NasFavelas e Ivete Sangalo fez sua *live* transmitida de casa, por onde arrecadou doações para diversos projetos, entre eles o “Maré diz NÃO ao Coronavírus”, da Redes da Maré.

“Expor as principais necessidades da favela é um movimento que sempre aconteceu, principalmente em articulações de associações de moradores, coletivos, núcleos de pré-vestibular, núcleos de alfabetização (como é o Nica). Mas o mais importante de tudo isso,

que está sendo de grande visibilidade, é entender que, dentro do contexto da pandemia do novo coronavírus, as favelas têm mostrado um potencial muito grande de organização e coletividade. A gente vê que a favela tem desenvolvido um potencial de articulação muito grande, e tem conseguido se organizar, dialogar com os nossos e até ampliar esse diálogo para fora”, disse **Bianca Peçanha**, coordenadora do pré-vestibular Núcleo Independente Comunitário de Aprendizagem (Nica Jacarezinho).

Para **Nathalia Cardoso**, gerente de comunicação da ONG Luta Pela Paz, na Maré, o movimento de articulação entre núcleos da favela vai gerar bons frutos para depois



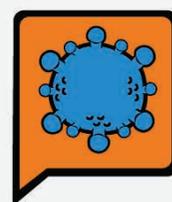
DOUGLAS LOPES

Equipe do Espaço Normal realizou aplicação de informativos com estêncil ao longo da Maré

da pandemia: “Trabalhar em conjunto com outras organizações é juntar forças para conseguirmos apoiar os moradores em um momento ainda mais delicado. Também vai nos ajudar a ter mais sinergia para futuras ações, não relacionadas à COVID-19, mas sempre pensando em apoiar o nosso território e seus moradores.”

Partindo da importância de uma informação correta e bem comunicada em tempos de crise, a iniciativa “Se liga no Corona” juntou coletivos que atuam em Mangueiras e na Maré, para criar peças de comunicação para serem disseminadas nas ruas, pontos de ônibus, mototáxis e nas redes sociais como *posts*, *gifs*, *cards*, *spots* para carro de som, radionovelas e vídeos. Todo esse material

A união dos coletivos das favelas



SE LIGA NO
CORONA!

Ainda
NÃO EXISTE
VACINA, então
se liga, favela!



#seliganocorona



redesmaré

CCI Teian Escola Mangueiras
Rua da Costa Velosa, 410
Cidade Maré, Rio de Janeiro, RJ



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

SUS

Um dos cards da campanha Se Liga no Corona para divulgação no Facebook



DIVULGAÇÃO / FRENTE DE MOBILIZAÇÃO MARÉ

Frente de Mobilização Maré fez grafite na Baixa do Sapateiro e atualiza números do coronavírus

tem conteúdo verificado pela Fiocruz, que criou um selo para que outros coletivos, associações, organizações e iniciativas pudessem ter o conteúdo chancelado pela Organização. Para isso, é só enviar um *e-mail* para seliganocorona@gmail.com, com o conteúdo proposto. Todas as peças de comunicação estão disponíveis para *download* no portal da Fiocruz e também no portal de notícias www.mareonline.com, para uso nas demais periferias do Brasil.

Outras frentes mareenses também estão se mobilizando não só para comunicar, mas também para arrecadar alimentos e produtos de higiene e limpeza. Depois que o isolamento social foi instaurado, muitos moradores perderam seus postos de trabalho ou não podem abrir seu comércio e não conseguem sustentar suas casas. Entretanto, é importante frisar a necessidade do isolamento para tentar frear o contágio do coronavírus e evitar, ao

máximo, o caos no sistema de saúde, neste momento que os casos só aumentam.

A Comunicação Integrada COVID-19 na Maré é uma iniciativa de organizações do território (Maré Vive, data_labe, Luta Pela Paz, Redes da Maré e Observatório de Favelas) e tem como objetivo unir esforços para levar informação sobre o novo coronavírus e outros questionamentos que surgem a partir da pandemia.

A Frente de Mobilização Maré (Maré 0800, Maré Vive, Amarévê, Casulo, Roça Rio, Ceasm, Museu da Maré, ONG Pra Elas, RatoPretoStudio, LABirinto CriAtivo, Ativa Breakers Crew, Podcast Renegadus e mais 50 moradores) também está se articulando em prol dos moradores, com cartazes informativos, carros de som para conscientizar sobre a prevenção e a importância de ficar em casa, combater *fake news*, entre outras iniciativas. Até 11 de abril, a Frente de Mobilização Maré conseguiu distribuir 100 cestas básicas de alimentos e produtos de higiene e limpeza, 600 lu-

vas e 53 máscaras. Para a ação de conscientização, espalhou 5 mil cartazes em tamanho A4, 70 faixas de três metros e contratou carro de som para rodar por várias ruas. “Estamos trabalhando com rádio poste, rádio comunitária, carro de som, faixas, cartazes, além da internet. Temos de pensar que não é toda a favela que tem internet, que sabe ler, então a gente precisa sempre de um plano de comunicação que chegue a todos e todas”, disse **Gizele Martins**, comunicadora comunitária da Maré.

Com o aumento de casos e óbitos pelo novo coronavírus, Gizele alerta: “É de extrema importância que os moradores e moradoras fiquem em casa o máximo possível. Se tiver de ir à rua, ao mercado, à padaria, que vá de máscara, e siga todas as demais recomendações das autoridades de saúde.”

As campanhas continuam e podem receber doações pela internet, onde também fazem prestação de contas de tudo que recebem e doam. E a mensagem permanece: lavem as mãos e fiquem em casa!



Campanha do Observatório de Favelas aborda algumas *fake news* sobre coronavírus

Maré

- redesdamare.org.br/quemsomos/coronavirus
- frentemare.com

Jacarezinho

- @nicajacarezinho

Complexo do Alemão

- @gabinetealemao

Baixada, Zona Oeste e Zona Norte

- covid19nasfavelas.meurio.org.br

COVID-19 derruba comércios

Nas favelas da Maré, a população segue circulando pelas ruas, mas estabelecimentos estão mais vazios

HÉLIO EUCLIDES

O prefeito Marcelo Crivella determinou, no dia 24 de março, o fechamento obrigatório de parte do comércio da cidade como mais uma medida para conter a propagação do novo coronavírus. Pouco mais de um mês, o que se percebe na Maré, como em outras favelas do Rio, é o comércio aberto e muitos moradores caminhando, naturalmente, nas ruas. O não cumprimento do distanciamento social pode trazer o perigo da aceleração no número de moradores contaminados pelo coronavírus.

O fechamento das lojas na cidade foi parcial, com autorização de abertura de farmácias, supermercados, hortifrúteis, padarias, *pet shops*, postos de gasolina e lojas de equipamentos médicos e ortopédicos. Já em um outro decreto, do dia 22 de abril, a Prefeitura do Rio de Janeiro determinou a suspensão, durante 10 dias, das 162 feiras livres, como forma de evitar aglomeração.

Luiz Henrique Mandetta, quando ainda era ministro da Saúde, afirmou que a economia iria sofrer muito mais se o sistema de saúde entrasse em colapso. Um dos motivos de sua exoneração foi a defesa do isolamento social, como precaução a um colapso na saúde, com ausência de leitos para internação, algo que já ocorre na cidade. Para o ex-ministro, se não fosse cumprido o distanciamento, a medida

HÉLIO EUCLIDES



Diante de depósito aberto, funcionário da Comlurb realiza campanha de limpeza em ruas de maior circulação da Maré

a ser tomada seria a quarentena horizontal, com o fechamento de estabelecimentos considerados essenciais, como ocorre em países da Europa.

A antiga gestão do Ministério da Saúde seguia a linha da Organização Mundial Saúde (OMS) para combater o coronavírus, enquanto o presidente Jair Bolsonaro continua defendendo a flexibilização do confinamento e a volta à normalidade para o comércio. Em entrevista ao Canal CNN Brasil, no dia 16 de abril, ele afirmou que o ideal é o comércio funcionando a todo vapor, como ocorre nas favelas cariocas, como em Rio das Pedras e Rocinha.

Anthony Fauci, epidemiologista, em entrevista ao programa *Good Morning America*, advertiu que, nos Estados Unidos

e em qualquer outro lugar do mundo, a reabertura dos comércios e serviços não trará recuperação econômica enquanto o vírus não estiver sob controle. Completou, ainda, que suspender as medidas de isolamento é um ato negativo.

O isolamento social e a economia local

Comerciantes sentem o impacto realizado pelo novo coronavírus. O Maré de Notícias ouviu comerciantes das 16 favelas da Maré, e o relato foi que a pandemia impactou diretamente as vendas, trazendo prejuízos aos estabelecimentos, apesar das lojas estarem abertas. São poucos os clientes, pois os moradores, mesmo saindo às ruas, estão direcionando os seus gastos basicamente à alimentação.

Com os estabelecimentos fechados pela cidade, comerciantes acreditavam que as lojas da favela iriam lucrar com a situação, o que não ocorreu. “Tem comerciante que está entrando em desespero. Eu tenho angústias, pois quero trabalhar e não posso sair de casa”, diz **Nevinha**, comerciante de roupas em Ramos.

Alguns comerciantes entrevistados relataram respeitar o isolamento e a medida de fechamento de serviços não essenciais inicialmente, mas destacam a necessidade de voltar a trabalhar, apesar do medo. “Fiquei quase dois meses sem abrir. Nem queria voltar, mas preciso pagar as contas. Alguns comerciantes são mais gananciosos, precisavam perceber a necessidade de criar formas de pre-



DOUGLAS LOPES

Usando máscara, comerciante segue abrindo sua barraca de lanches, localizada em frente à UPA Maré

venção para todos, como o uso de máscara e luvas”, conta **Meri**, que tem uma loja de flores no Parque União. **Eliane Domingos**, comerciante com loja de drenagem e limpeza de pele, na Vila do João, ficou um período sem trabalhar. “A solução foi voltar, pois pela primeira vez não tive como pagar minhas contas, nem o auxílio emergencial foi liberado”, reclama. Ela acredita que o comércio poderia abrir em dias intercalados, para diminuir o número de moradores nas ruas.

“Trabalho com conserto de pula-pula [cama elástica] e mochilas. Desde que começou a quarentena, não consegui consertar mais nada. Não está tendo festa, com isso não há aluguel de brinquedos”, expõe **Kátia Lapa**, do Conjunto Pinheiro. Por outro lado, o isolamento já começa a ser aceito por moradores. “Eu fico em casa, não saio, estou no grupo de risco. Meu filho, quando precisa sair, é sempre com o uso do álcool em gel. Como ele é atleta, faz exercícios em casa”, conta **Beth Pereira**, de 55 anos, moradora do Salsa e Merengue.

Mas nem tudo é prejuízo: com o coronavírus, surgem pessoas que conseguiram ganhar com a

situação. **Andrea Moreno**, comerciante de um mercado no Salsa e Merengue, relata que antes o álcool em gel não era procurado, por isso custava pouco mais de R\$ 10,00. Hoje, os fornecedores aumentaram o valor, com o acréscimo repassado para o consumidor. Agora ela vende o frasco de 450 mL pelo preço de R\$ 27,50.

Isolamento, relações econômicas e sociais

Para **Shyrlei Rosendo**, mestre em Educação e Políticas Públicas e integrante do Eixo de Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré, o isolamento social nas favelas é difícil. “Essa dificuldade passa por questões econômicas, sociais e culturais. No que diz respeito à economia e a questões sociais, temos aí o direito a ter uma alimentação e acesso a materiais de higiene, o que se tornou bem difícil diante a pandemia, já que pessoas perderam seu emprego ou estão recebendo um valor abaixo dos seus salários”, avalia.

Outra questão que Shyrlei apresenta é a moradia na favela, onde algumas casas são pequenas e com pouca circulação de ar. Isso prejudica a tarefa de cumprir a quarentena

dentro de apenas um cômodo, mas reconhece a importância de se ficar em casa nesse período. “Nós, favelados, viemos de uma sociabilidade de ficar na rua, brincar na porta de casa, visitar amigos, ir ao bar e fazer churrasquinho... Agora temos de romper com isso para que a pandemia passe logo.”

A grande quantidade de pessoas nas ruas não é só por uma questão econômica e cultural. A pesquisadora acredita que, em especial, se os bares estivessem fechados, uma parte das pessoas não teria para onde ir. “Mas quem tiver a fim de uma resenha, de tomar uma cerveja, vai dar um jeito para se encontrar. Tem gente que vai pra rua, com ou sem comércio fechado”, comenta. Apesar de ainda ter movimento nas ruas, é possível perceber alguns locais da Maré com menos gente. Na opinião de Shyrlei, as pessoas estão com medo do coronavírus e sem grana.

Para **Daniel Soranz**, doutor e mestre em Saúde Pública, professor e pesquisador da Fiocruz, é preocupante as pessoas não estarem cumprindo o distanciamento social. “Não se pode cancelar o isolamento se não organizar o sistema de saúde. A Favela da Maré está com

unidades de atendimento primário com fragilidade, com equipes reduzidas e ausência de testes. Assim, fica difícil identificar qual região do bairro tem mais contágio e direcionar a higienização específica. É preciso saber o vínculo imunológico da circulação do vírus”, conta.

“A cidade precisa se organizar. Ocorreu um caso de remoção de um doente de coronavírus da UPA do Alemão para a Unidade da Maré; esse paciente deveria ir para um hospital”, diz. Para o pesquisador, o ideal é se criar polos para receber doentes nas favelas. A Rocinha e Mangueiras já avaliam a criação desses espaços, e a Maré precisa também entrar nessa discussão, com um polo em alguma quadra de esportes.

Sobre economia, Daniel percebe que o comércio fechado para muitos é difícil, pois ficar sem trabalhar é insuportável. Ele acredita que o isolamento às cegas não vai durar por muito tempo. É necessário organizar o sistema de saúde e realizar a testagem em grande escala, pois só assim é possível saber o número de contaminados, os assintomáticos e evitar a disseminação da COVID-19.



DOUGLAS LOPES

Por determinação da Prefeitura do Rio, feiras livres ficaram 10 dias suspensas

Operações policiais em tempos de COVID-19

Abordagem, legalidade e impactos das ações policiais na Maré durante a pandemia do novo coronavírus

JÉSSICA PIRES

Em 2019, foram quase 300 horas de operações policiais na Maré, em que, pelo menos, numa das 16 favelas, houve violações de direitos de diversos tipos. Em 2020, o cenário da política de Segurança Pública nas favelas também muda, com a pandemia do novo coronavírus. Acontecem menos operações na cidade, mas na Maré, não só as operações como as violações seguem em curso. Os impactos que as operações policiais têm no território da Maré e na vida de mais de 140 mil moradores são conhecidos e registrados em seus cotidianos.

O ano de 2019, infelizmente, voltou a ser um marco de danos e perdas para a Maré. Das 49 pessoas que morreram por arma de fogo, em 2019, (mais que o dobro do que em 2018), 34 foram em decorrência da ação policial. Foram 24 dias de aulas suspensas e 25 dias sem atendimentos nas unidades de saúde, ou seja, cerca de 15 mil atendimentos não realizados. Os confrontos ocorreram em 69% das vezes fora do horário comercial e de funcionamento das escolas e unidades de saúde. São dados do Boletim Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça 2019, produzido pela Redes da Maré.

É sempre bom lembrar que a luta por uma política de Segurança Pública que preserve vidas e direitos não é contra haver operações policiais nas favelas, ou ainda, que a Polícia não

DOUGLAS LOPES



Lançado em março deste ano, Boletim Direito à Segurança Pública na Maré apresentou aumento em número de violações no ano de 2019

deva exercer o seu trabalho. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 144, estabelece que a Segurança Pública é dever do Estado e direito e responsabilidade de todos. Portanto, nas favelas, esse direito deve ser exercido da mesma maneira que em outros territórios da cidade, por exemplo.

Porém, essa lógica de criminalizar territórios populares, reduzindo ou retirando direitos daqueles que estão em uma posição social de menos privilégios, não é uma prática nova. Fato é que a informação é uma ferramenta importante para identificar quem está sofrendo uma violação. É preciso lembrar sempre e compartilhar com amigos, vizinhos e familiares o que não é permitido em uma ação policial em dias de operações.

Pandemia e operações policiais não combinam

A Rede de Observatórios da Segurança divulgou, no início de abril, que houve uma redução de operações durante o mês de março, se comparado ao mesmo período de 2019. A redução de operações resultou na queda de vítimas fatais durante essas ações: foram registradas 15 mortes, em março de 2020, contra 36, em 2019, segundo dados da Rede. Contudo, mesmo depois do decreto de calamidade pública do governo do estado do Rio de Janeiro, em 20 de março, aconteceram três operações policiais na Maré. No dia 27 de março, Marcílio Dias foi o cenário da ação da PMERJ; no dia 6 de abril, foi o Parque União e no último dia 29 de abril, a operação acon-

teceu no Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro e Nova Maré.

São maiores os impactos que as operações policiais trazem durante a pandemia. No dia 6 de abril, as Clínicas da Família Diniz Batista, do Parque União, e Jeremias Moraes da Silva, da Nova Holanda, tiveram o atendimento suspenso. Cestas básicas e kits de materiais de higiene e limpeza deixaram de ser entregues nas favelas do Parque União ao Morro do Timbau, por voluntários e equipes da Redes da Maré. Violações como invasão ao patrimônio também foram relatadas nas primeiras duas operações. No dia 29, foram as Clínicas da Família Augusto Boal e Adib Jatene que interromperam suas atividades.

“O que menos precisa-



O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE OPERAÇÕES POLICIAIS E ABORDAGEM NA MARÉ

Na Maré, a polícia não age como em outras áreas da cidade. A atuação nas favelas tem sido limitada a operações policiais que prejudicam o dia a dia dos moradores. É importante saber que operações policiais não deveriam ocorrer frequentemente. Mas, apenas, em ocasiões que exigissem uma ação organizada das polícias para cumprir mandados judiciais ou atuar em situações pontuais que necessitassem de reforços policiais. Esses momentos deveriam ser planejados e o setor de inteligência da polícia teria de pensar formas de não interferir nem prejudicar quem mora onde as operações estão ocorrendo. Os moradores de favelas e periferias vêm lutando para que haja respeito e igualdade no tratamento da polícia em qualquer área do Rio de Janeiro. É muito importante divulgar e esclarecer o que está previsto na lei em relação ao trabalho da polícia. Esse é o objetivo dessa campanha: tornar claro o que os moradores da Maré precisam saber sobre os seus direitos em relação à Segurança Pública.

Página do boletim Somos da Maré. Temos direitos! mos nesse momento é ter de acumular traumas. Ficar em casa isolado e não ter a certeza de quando isso vai acabar já é muito doloroso e traumático. Ter de conviver com tiroteios e todos os desrespeitos e riscos que uma operação causa é o que menos precisamos”, destaca **Shyrlei Rosendo**, “cria” da Maré, mestre em Educação e Políticas Públicas pela UNIRIO e coordenadora da equipe de mobilização do Eixo de Segurança Pública da Redes da Maré. As operações policiais descumprem, inclusive, a recomendação de distanciamento social da Organização Mundial da Saúde desde o início da pandemia do novo coronavírus, uma vez que a abordagem policial acontece, muitas vezes, por meio do contato. Além dos relatos de invasão a domicílios, frequentes na Maré.

Contra os excessos nas operações

No último dia 17 de abril, foi votada a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental - ADPF 635. Conhecida também por ADPF das favelas, é uma iniciativa coletiva que solicita ao Supremo Tribunal Federal (STF) que se posicione diante das ações inconstitucionais exercidas pela política de Segurança Pública adotada pelo governo do estado do Rio de Janeiro.

A iniciativa reforça a não-utiliza-

ção de helicópteros como plataforma de tiros e a adoção de medidas para a apuração de excessos durante as operações policiais, entre outros pontos. Apesar do parecer positivo, ainda será necessário que outros ministros que compõem o Supremo Tribunal analisem a ADPF. Até o momento do fechamento desta matéria, a ADPF estava sob a análise do ministro Alexandre de Moraes.

Quais procedimentos não podem acontecer?

Foram registrados 14 episódios de violência verbal e 18 de violência psicológica em dias de operações policiais na Maré, em 2019. Um policial não pode ofender ou constranger uma pessoa no momento da abordagem, de acordo com o item III, do art. 5º, da Constituição da República Federativa do Brasil.

Em 2019, foi registrado um caso de assédio sexual em uma operação policial na Maré. O policial não pode pedir que a pessoa abordada tire as roupas ou passar as mãos nas partes íntimas, assegurando o direito à indenização por dano moral, segundo o item X, também do art. 5º, da Constituição.

A equipe do Maré de Direitos registrou 26 episódios de invasão de domicílio em dias de operações policiais na Maré, em 2019. Segundo o item XI do mesmo art. 5º da nossa Constituição, ninguém pode entrar na residência de outra pessoa sem o seu consentimento, apenas em casos de flagrante, desastre ou para prestar socorro. Em caso de mandado, as buscas domiciliares serão executadas de dia e só podem acontecer, à noite, caso o morador dê consentimento. Segundo a Lei nº 3689/41 do Código de Processo Penal, os agentes deverão mostrar e ler o mandado ao morador antes de cumpri-lo, além de deixar claro os motivos da diligência. Ele deve estar assinado pela autoridade que o expediu.

Operações policiais não podem acontecer sem ambulância para o socorro de vítimas. De acordo com a Lei Estadual nº 7385/2016, o Poder Executivo deve garantir, obrigatoriamente, ambulâncias, em operações planejadas e com mais de cinco policiais, com possibilidade de confronto.

Sobre o direito de filmar

Um policial é um agente público, ou seja, um servidor do Estado, alguém que presta serviços para os demais cidadãos. Toda função pública pode e deve sofrer constante fiscalização pela sociedade. Sendo assim, qualquer cidadão tem autorização para fotografar ou filmar atividades realizadas por policiais.

De acordo com **Guilherme Piementel**, ouvidor geral da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, os vídeos exercem importante função de controle social, atualmente: “Todo cidadão, hoje, exerce um papel muito fortalecido de controle social de atuação do agente público. Antes do *smartphone*, era a palavra de uma testemunha contra a de um agente público. Com o *smartphone*, gravações, fotos e vídeos podem desmentir versões facilmente.”

Não há procedimento operacional descrito que autorize um policial a retirar um celular de alguém que registre uma ação. “O telefone celular se tornou a ferramenta de trabalho do jovem periférico. Além de usar para se divertir e se comunicar, ele usa também para defender os seus direitos”, afirma a cientista política e professora da UFF, **Jacqueline Muniz**.

Confira a versão completa *on-line*.

www.mareonline.com.br

SOU DA MARÉ.
VOCÊ E EU SOMOS DA MESMA CIDADE. TEMOS OS MESMOS DIREITOS.

MINHA CASA É MEU LUGAR DE ACONCHEGO E PROTEÇÃO. NÃO PODE SER INVADIDA. RESPEITE ISSO.

EM CASO DE DESRESPEITO, LIGAR PARA OS SEGUINTE ÓRGÃOS:

- OUIDORIA DA POLÍCIA - (21) 3399-1199 (RECEBEM LIGAÇÕES A COBRAR)
- CORREGEDORIA DA POLÍCIA MILITAR - (21) 3399-2140
- CORREGEDORIA DA POLÍCIA CIVIL - (21) 2332-9778
- OUIDORIA DA DEFENSORIA PÚBLICA - 0800-282-2279
- MINISTÉRIO PÚBLICO - 126

UMA INICIATIVA: **redesmaré**

PARCERIA: 16 ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS | AMISTIA | INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS | ACTIONAID | NIAC

Material explica sobre abordagem policial na Maré

Curtindo em casa

Confira as dicas culturais que o Maré de Notícias traz para deixar sua quarentena mais leve e divertida

FLÁVIA VELOSO



MATHEUS AFFONSO

Assim como alguns artistas e coletivos, o Grupo Atiro tem disponibilizado espetáculos teatrais em seu canal no YouTube

Tanto tempo em casa por causa do isolamento social que é quase impossível não passar dia e noite na internet. As páginas iniciais das redes sociais atualizam a cada minuto com humor, política, entretenimento, notícias e, principalmente, informações sobre a COVID-19. A internet e as redes sociais têm sido ferramentas importantes não apenas para trabalhar, mas para proporcionar entretenimento para muitas pessoas, nesse momento.

Diante da impossibilidade de sair de casa, diversos serviços e conteúdos *on-line* foram liberados gratuitamente, como TVs por assinatura, ensino a distância e cuidados com corpo e mente. Mas são as *lives* que têm sido assunto frequente em grupos de amigos, por se tornarem parte da rotina, além de ajudar, de certa forma, a aproximar as pessoas.

Artistas têm realizado *shows* em suas residências para arrecadar verbas e alimentos para doar àqueles que não estão podendo trabalhar, assim como outros que fazem debates sobre diversos temas. Mais que uma atitude de solidariedade, estão promovendo entretenimento e conhecimento.

Da mesma forma, diversos artistas e pesquisadores da favela têm produzido conteúdos bacanas durante a pandemia. E mesmo que a intermitência da rede de internet seja um

problema constante, principalmente na Maré, isso não tem sido impedimento. Eles atualizam as redes com textos e vídeos sobre cotidiano, comportamento, política, música, cultura afro-brasileira, poesia, artes plásticas, fotografia, humor e muito mais.

Literatura para todas as idades

Com o fechamento dos serviços não essenciais, vários equipamentos culturais da cidade estão criando alternativas virtuais para pessoas de todas as idades poderem se divertir e até aprender, sem sair de casa.

A professora Denise Cruz, que atua na gerência da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), lançou a ação “Poesias Para Esperançar”, na qual profissionais da educação recitam suas poesias favoritas. Para conferir, basta buscar por #Poesias-ParaEsperançar, no Facebook, que vários vídeos estarão disponíveis.

No Instagram, a @fafaconta conta história para crianças, ao vivo, toda segunda, quarta e sexta-feira, às 10h30. A @maequela também faz momentos de contação de histórias diariamente, às 10h ou 11h.

A Festa Literária das Periferias, a FLUP (@fluprj) chega em sua 9ª edição e, diante da pandemia, teve de adaptar o seu formato. Sem poder ser realizada presencialmente, os organizadores transferiram toda

a programação para as plataformas digitais. O festival começa em maio e, em 2020, homenageia a grande escritora Carolina Maria de Jesus.

O Museu do Amanhã (@museudo-amanha) tem organizado *lives* com bate-papos culturais e seu tradicional Clube do Livro, que acontece no terceiro sábado do mês, das 10h30 às 12h30, agora numa sala virtual divulgada na semana do encontro, nas redes sociais do Museu.

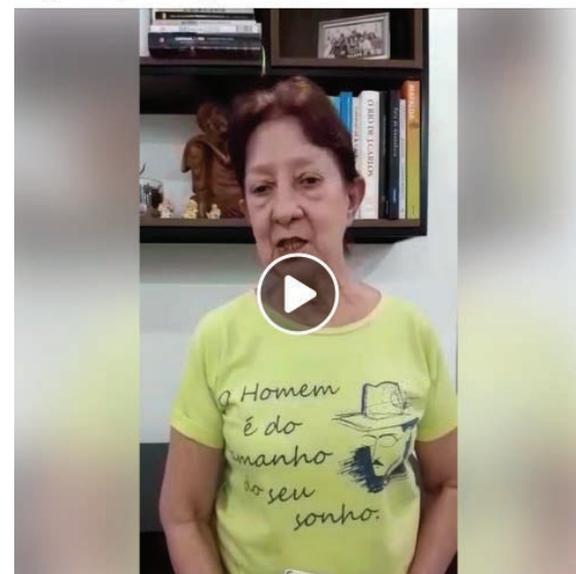
Sucessos na palma da mão

As *lives* dos maiores artistas da atualidade estão fazendo sucesso em todo o País, algumas ultrapassando 3 milhões de espectadores. Os brasileiros gostaram tanto que o mês de maio já tem uma programação de *shows* e alguns artistas, como Bruno e Marrone e Alexandre Pires, pretendem fazer uma segunda edição de suas apresentações.

As *lives* são, também, um exemplo de solidariedade nesse momento. Cantores como Belo, Filipe Ret e Ivete Sangalo, por exemplo, fizeram as suas apresentações para arrecadar fundos e doações para coletivos de diversas favelas da cidade do Rio.

6.ª Coordenadoria Regional de Educação do RJ
6 de maio às 15:36

#PoesiasParaEsperançar com a professora Catharina Harriet, da MultiRio ... Vamos nos encantar com essa linda homenagem ao Dia Mundial da Língua Portuguesa!!!! 🇵🇹❤️



8

1 comentário 2 compartilhamentos

Professores têm contado poemas em projeto da Prefeitura

LIVES

9 de maio (sábado)

Marília Mendonça, a partir das 17h

No link: youtube.com/mariliamendoncareal

10 de maio (domingo)

Daniel, a partir das 15h

No link: youtube.com/danieloficial

Leonardo e Zé Felipe - #pai&filho, a partir das 17h

No link: youtube.com/zefelipecantor

João Neto e Frederico, a partir das 18h

No link: youtube.com/joaonetoefrederico

15 de maio (sábado)

Molejo, a partir das 20h

No link: youtube.com/molejooficial

16 de maio (sábado)

Zé Neto e Cristiano - #barzinhoaleatório, a partir das 18h

No link: youtube.com/zncoficial

Bruno e Marrone, a partir das 21h

No link: youtube.com/BrunoEMarrone

21 de maio (quinta-feira)

César Menotti e Fabiano - #sóasantigas parte 2, a partir das 20h30

No link: youtube.com/cesarmenottifabiano

23 de maio (sábado)

Alexandre Pires -

#livedonêgovêio2, a partir das 19h30

No link: youtube.com/alexandrepres

EQUIPAMENTOS CULTURAIS EM CASA

No Instagram do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (@ccbbrj), é possível encontrar imagens de exposições, indicações de livros e divulgação de conteúdos culturais. O CCBB também disponibiliza gratuitamente exposições que já passaram pelo Centro, no aplicativo de celular "Musea", disponível para sistemas Android e iOS. O Planetário do Rio (@planetariodorio) tem publicado diversos conteúdos e fazendo *lives* sobre astronomia. Em breve, vão lançar a exposição virtual "Olhe para o céu 2020 - O céu da sua janela", feita com fotos enviadas dos internautas.

ARTISTAS E PRODUTORES DE CONTEÚDO PRETOS E PERIFÉRICOS

Teatro e poesia

O [Grupo Atiro](#) publicou espetáculos gratuitamente em sua [página no YouTube](#). A primeira peça, "Família", é encenada pelo elenco do próprio Atiro. Há também as produções "Naquele Instante", do [Grupo Código](#) e a premiada "Eles não Usam Tênis Naique", da [Cia Marginal](#).

Com uma proposta diferente e muito divertida, o [Coletivo Arame Farpado](#) está exibindo seu *reality show on-line* "Canceladas". O *reality* traz participantes de todo o País, e todos os acontecimentos, provas e eliminações são publicados no perfil e nos *stories* do Instagram.

Educação e cultura

A livraria itinerante Nombeko (@livrarianombeko), dos organizadores e curadores Mirembe Nombeko e Sheila Martins, tem realizado algumas *lives* via Instagram conversando com diversos convidados sobre literatura negra e outras questões raciais, além de fazer indicações de leitura.

Pâmela Carvalho (@apamelacarvalho), do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades da Redes da Maré, tem publicado conteúdos diversos e participando de *lives* culturais e educativas em seu perfil. Jota Marques (@jotamarquesrj) tem feito uma série de debates chamada Gente com Jota, fazendo bate-papos ao vivo com convidados no seu perfil do Instagram.

Música

Perfil do Rodrigo Maré (@amarerodrigo), também tem um manifesto sonoro antifacista no YouTube, "[Tudo é Estética](#)".

Instagram do Pablo Carvalho (@pablovnc06),

com conteúdos sobre o cotidiano e vários vídeos tocando percussão. Muita rima e música boa da Mc Martina (@mcmartina_) no seu perfil do Instagram. O Dj Júlio Rodrigues (@djuliorodrigues) tem feito *lives* e disponibiliza sua *setlist* no Spotify. Outro DJ que também compartilha muito conteúdo bom sobre suas produções no *funk* e de outros artistas é o Renan Valle (@djrenanvalle), também no Spotify. Para a os amantes do charme, o Baile Black Bom (@baileblackbom) tem realizado em seu Instagram *lives* com DJs de alguns bailes da cidade, além de aulas de passinho.

Artes visuais

Artes e fotos lindas do artista Raphael Cruz (@rphl.cruz).

Grafitos supercoloridos e criativos do artista Rdoisó (@rdoiso.af).

Artes belíssimas do artista plástico Pandro Nobã no seu perfil do Instagram (@pandronoba)

O projeto Crias do Tijolino (@criasdotijolino) retrata a infância na Maré com fotos cheias de vida e afeto.

O fotógrafo Patrick Mendes (@commarinho) publica seus cliques sobre o cotidiano das favelas da Maré.

OBITUÁRIO

No final de abril, faleceram, lamentavelmente, duas lideranças muito importantes para a Maré: **Atanásio Amorim** e **Denise Rocha**, ambos moradores da Baixa do Sapateiro. Prestamos nossa solidariedade às famílias.

Atanásio nasceu na comunidade de Santo Antônio dos Pretos, cidade de Codó, no Maranhão. Veio para o Rio de Janeiro em 1954, no porão de um navio, como ajudante de cozinha. Ao chegar no Rio de Janeiro, ficou residência na Baixa do Sapateiro, lugar pelo qual se apaixonou e viveu por 65 anos. Foi diretor e vice-presidente da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro, garantindo direitos como energia elétrica e água para a comunidade, que é uma das favelas que compõem a Maré.



Lutou contra a Ditadura Militar, quando desejavam ditar regras na favela. Participou dos dois primeiros encontros estaduais de favelas, organizado pela FAFERJ, no qual propôs a tese de que se as favelas tinham 20% de construções feitas de alvenaria, elas não poderiam mais ser removidas. Essa proposta foi aprovada e afastou o pesadelo das remoções de muitas favelas, inclusive a Baixa do Sapateiro. Durante toda a vida foi um grande contador de histórias, tornando-se um museu vivo, que trazia para as novas gerações as memórias de lutas e conquistas dos moradores da Maré.

Lutou contra a Ditadura Militar, quando desejavam ditar regras na favela. Participou dos dois primeiros encontros estaduais de favelas, organizado pela FAFERJ, no qual propôs a tese de que se as favelas tinham 20% de construções feitas de alvenaria, elas não poderiam mais ser removidas. Essa proposta foi aprovada e afastou o pesadelo das remoções de muitas favelas, inclusive a Baixa do Sapateiro. Durante toda a vida foi um grande contador de histórias, tornando-se um museu vivo, que trazia para as novas gerações as memórias de lutas e conquistas dos moradores da Maré.

Sua morte não entrou na estatística de suspeita de COVID-19, por serem muitos casos subnotificados na Maré, por falta de testes. Seu Atanásio deixa esposa, três filhos, Tainara de Oliveira, Amorim Atanásio, Amorim Júnior, além de três netos.



Denise Rocha era moradora da Maré e diretora do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Nelson Mandela, que fica em Bonsucesso, mas atende os moradores da Maré. Também moradora da Baixa do Sapateiro, Denise era assistente social e tem longa trajetória de trabalho na área social. Foi aluna do Pré-vestibular CEASM na

Maré, formou-se em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro e atuou em diversas instituições na Maré, como CEASM e Redes da Maré, na primeira fase do projeto "Nenhum a Menos"; e também no Observatório de Favelas, no Programa "Rotas de Fuga".

Recentemente, teve de lidar com *fake news*, após boatos no WhatsApp, de que o CRAS estava distribuindo cestas de alimentos, o que causou aglomerações diárias no local. Profissional séria, competente e muito querida por todos, deixará saudades e é exemplo de luta pelos direitos dos cidadãos.

PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Figuras Diretas

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já está escrito como exemplo.

Solução

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

(21) 97271-9410